



# miguilim

revista eletrônica do netlii

volume 7, número 1, jan.-abr. 2018

“BENDITO SEJA O FRUTO” / “QUE O SENHOR POSSA  
ABRIR”: DISTOPIA, RELIGIOSIDADE E REPRESSÃO EM  
O CONTO DA AIA (1985), DE MARGARET ATWOOD



“BLESSED BE THE FRUIT” / “MAY THE LORD CAN  
OPEN”: DYSTOPIA, RELIGIOUSITY AND REPRESSION  
IN THE HANDMAID’S TALE (1985), BY MARGARET  
ATWOOD

Ana Maria Soares ZUKOSKI  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Brasil

André Eduardo TARDIVO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – *CAMPUS DE*  
CAMPO MOURÃO, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 20/02/2018 • APROVADO EM 12/04/2018

---

## Resumo

---

O presente trabalho tem por objetivo propor uma análise interpretativa acerca da obra *O conto da Aia*, publicado em 1985, por Margareth Atwood. Tendo sido escrito na segunda metade do século XX, é possível identificar que os movimentos feministas e a discussão sobre o papel da mulher em sociedade influenciaram de modo significativo na sua obra. Recentemente, *O conto da Aia*, ganhou notoriedade com o lançamento da série de TV americana que acendeu novamente as discussões feministas. Por tratar de uma obra tão complexa, o foco da análise reincidirá sobre a repressão das mulheres por meio da religiosidade, que aparece imbricada com a estrutura patriarcal. O artigo será embasado pelos pressupostos teóricos da Crítica Feminista e dos Estudos de Gênero, com autores como Muraro (1995), Campos (1992), Bonnici (2007), entre outros.

---

## Abstract

---

The present work aims to propose an interpretative analysis about to the novel *The Handmaid's Tale*, published in 1985 by Margaret Atwood. Written in the second half of the twentieth century, it is possible to identify that feminist movements and the discussion about the role of women in society had a significant influence on her work. Recently, *The Handmaid's Tale* has gained notoriety with the release of the American TV series that ignited again the feminist discussions. Because it deals with such a complex work, the focus of the analysis will relapse upon repression of women through religiosity, which appears imbricated with the patriarchal structure. The article will be based on the theoretical assumptions of Feminist Criticism and Gender Studies, with authors such as Muraro (1995), Campos (1992), Bonnici (2007), among others.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião e Patriarcalismo. Relações de poder. O conto da Aia. Margaret Atwood.

**KEYWORDS:** Religion and Patriarchalism. Power relations. The Handmaid's Tale. Margaret Atwood.

---

## Texto integral

---

### 1 Considerações iniciais

A literatura apresenta-se como um grande espaço para discussões acerca dos mais variados temas que vão desde a construção da identidade de um povo até denúncias sociais. De acordo com Candido (2011, p. 182), a literatura possui, entre outros, um caráter humanizador, isto é, “o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza [...]”. Nesse

sentido, podemos inferir que a literatura possui papel fundamental na constituição do homem enquanto indivíduo que vive em sociedade, pois a partir dela nos tornamos mais condescendentes em relação ao outro e à sociedade na qual estamos inseridos.

Partindo da afirmação de Candido (2011, p. 177), de que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”, e considerando o seu caráter humanizador, percebemos que um grande número de literatos, valendo-se da escrita, versaram sobre possíveis tempos futuros em que governos autoritários preconizariam a inferiorização e a privação dos integrantes dessa sociedade a itens que, na atualidade, seriam inimagináveis vivermos sem, como os livros, se tomarmos como exemplo a obra distópica de Bradbury; a esse tipo de discussão no âmbito literário chamamos distopia.

De acordo com Moisés (2013, p. 471), o termo utopia surgiu em 1516 a partir da obra homônima de Thomas Morus e designa os não lugares (do inglês, *no place*) ou lugares que não existem, que se configuram unicamente como um espaço imaginário em que o ideal se faz presente. Por outro lado, o termo distopia “caracteriza-se pela antevisão de um lugar imaginário onde reinaria o caos, a desordem, a anarquia, a tirania” (MOISÉS, 2013, p. 131). Nas palavras de Moylan (2000, p. xi),

dystopian narrative is largely the product of the terrors of the twentieth century. A hundred years of exploitation, repression, state violence, war, genocide, disease, famine, ecocide, depression, debt, and the steady depletion of humanity through the buying and selling of everyday life provided more than enough fertile ground for this fictive underside of the utopian imagination.<sup>1</sup>

Podemos depreender que grande parte dos fatos narrados nas distopias, em certa medida, baseiam-se nos paradigmas do homem moderno e, por conseguinte, na degradação do mundo utópico. Como exemplos de obras distópicas na literatura canônica mundial, podemos citar *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley que aborda a reprodução humana por meio de tecnologia dividindo os membros da sociedade em castas; *A revolução dos bichos* (1945) e *1984* (1949), de George Orwell, de cunho extremamente político e de privação do conhecimento, além de outros assuntos, respectivamente; *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, que versa, entre outros assuntos, sobre a negação do conhecimento por meio da incineração de livros; e *O conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood, este último dotado de caráter feminista que retrata uma sociedade na qual as mulheres possuem papéis pré-definidos de acordo com o que podem oferecer para uma sociedade extremamente masculina e pautada na religiosidade. Partindo da necessidade constante de revisão do cânone e dos estudos feministas que ganharam força justamente no período da publicação de *O conto da Aia*, o presente trabalho tem por objetivo abordar os sentidos da utilização da religião como método de detenção do poder e subjugação da mulher na obra de Atwood.

## 2 Cristianismo e Patriarcalismo: poderes imbricados

Thomas Bonnici, em seu livro *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências* apresenta conceituações sobre inúmeras noções pertencentes aos estudos da crítica feminista. O crítico define o vocábulo patriarcalismo como sendo o “controle e a **repressão** da mulher pela sociedade masculina e parece constituir a forma histórica mais importante da divisão e **opressão** social. É um vazio conjunto universal de instituições que legitimam e perpetuam o **poder** e a agressão masculina” (BONNICI, 2007, p. 198, grifos do autor). Na definição proposta pelo autor, é possível perceber que o patriarcalismo obteve o subsídio de instituições para conseguir perdurar. Uma dessas instituições, talvez a de maior importância devido ao seu grande poder, é a instituição religiosa, mais especificamente, o cristianismo.

O cristianismo serviu como base para o desenvolvimento, justificação e fortalecimento do patriarcalismo e de toda a cultura opressora à mulher. De acordo com Muraro (1995), o poder, que passou a significar controle e autoritarismo, é legitimado e santificado pelo mito cristão nos dois primeiros capítulos do *Gênese*, considerado como o texto básico do patriarcado. Ainda em conformidade com a autora, “o mito judaico-cristão é o mito dos que creem e dos que não creem nele, dos antigos e dos modernos, por que o mito não é aquilo que ele diz, mas a estrutura psíquica que ele produz” (MURARO, 1995, p. 70). Portanto, o mito cristão contido no *Gênese*, que coloca a mulher como sendo criada a partir do homem, e como a culpada pela expulsão de ambos do Paraíso, atingiu um efeito psíquico bastante forte no ideário social, visto que, “quando justificada no discurso judaico-cristão do Gênesis, como a maldição bíblica de Eva, indutora de Adão ao pecado, a dominação sobre a mulher aí se associa ao estado de desordem na criação, nisto diferindo da ideologia da naturalização” (CAMPOS, 1992, p. 115). Com efeito, no próprio texto bíblico a imagem feminina é associada à questão da inferioridade, pois é a mulher que é fraca e comete o pecado, sendo-lhe instituída toda a culpa. Dessa forma, o mito cristão corrobora para a assimilação de uma cultura, baseada nesses princípios, que inferioriza e subjuga a mulher.

Referendando Enriquez (1999), a base mais intensa nas relações de desigualdade constitui-se na relação: homem/mulher, visto que há uma concordância que concerne à mulher o estatuto de dominada e inferior, desde os estudos de Freud e Engels. Foram elaboradas diversas hipóteses na tentativa de construir um sistema que explicasse a desigualdade entre homens e mulheres, considerando que a mulher é sempre tida como inferior ao homem, que é superior.

Embasado nesse princípio da desigualdade e nos religiosos, o patriarcalismo “quer fazer da dominação masculina um fato ‘natural’ e biológico” (MURARO, 1995, p. 61). À vista disso, é possível inferir que a naturalização da dominação masculina possibilita a ausência de uma justificação científica, principalmente considerando o fator religioso, que lhe atribui o valor dogmático.

Ratificando o postulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção” (BOURDIEU, 2015, p. 18); sendo assim, é possível verificar que o patriarcalismo, mesmo não tendo explicações fundamentadas, coloca o homem em um nível superior ao da mulher, utilizando-se como justificativa a religião, que pelo seu caráter dogmático não é passível de questionamentos, e que subjugou a mulher, silenciando-a.

Consoante a essa dispensa de justificção e contrariamente a naturalização do patriarcalismo, Campos (1992, p. 111-112) postula que:

Os sistemas gênero-sexo historicamente realizados revelariam, na relação masculino e feminino, a opressão e exploração desse último pelo primeiro: a história das sociedades até agora existentes constituiria uma história da subordinação das mulheres pelos homens em base aos sistemas gênero-sexo que culturalmente produziram. Donde não se tratar de pura diferença mas sim de diferença hierarquizada em vista de poder.

Portanto, esse ideário social de que o homem é superior à mulher é algo construído culturalmente, o que coloca em contradição o *status* “natural” de tal superioridade. Ao afirmar que não se trata de uma “pura diferença” e sim de uma “diferença hierarquizada em vista de poder”, Campos nos lança luz acerca do objetivo a ser alcançado pela construção desse ideário produzido e instituído pelo patriarcalismo. Isto é, a diferença não se justifica pelo aspecto biológico nem pelo natural, mas sim pelo jogo de poderes e persuasão, valendo-se para isso dos princípios religiosos, que por sua vez, são dogmáticos.

### **3 Religiosidade e subjugação feminina em *O conto da Aia*, de Margaret Atwood**

A obra *corpus* deste trabalho foi publicada na segunda metade do século passado à luz dos movimentos feministas que ganhavam força e promoviam discussões sobre o papel da mulher em sociedade. *O conto da Aia* foi publicado no Brasil pela primeira vez em 1987, entretanto parece ter ganhado destaque apenas recentemente com o advento da série de TV americana que conquistou milhares de pessoas ao redor do mundo e suscitou novas reflexões sobre a figura feminina. Com a publicação do romance em 1985, Atwood ganhou diversos prêmios, entre eles podemos destacar o primeiro Prêmio Arthur C. Clarke, em 1987, e a indicação aos Prêmios Nebula e Booker, ambos de 1986.

Sucintamente, o romance conta a história de Offred, uma mulher que é separada da filha e do marido para desempenhar a função de aia nessa nova forma de organização social por ser uma das poucas mulheres que ainda podem ter filhos diante de um cenário de baixos índices de natalidade e de extrema infertilidade. As aias são, nas palavras da própria narradora, “úteros de duas pernas, apenas isso:

receptáculos sagrados, cálices ambulantes” (ATWOOD, 2017, p. 165), isto é, são mulheres férteis que vão de casa em casa para servir de barriga de aluguel aos Comandantes e suas esposas, essas últimas geralmente de idade avançada e inférteis.

No decorrer da história, as ações do governo são pautadas na Bíblia, incluindo os nomes dos agentes públicos, como os Anjos e os Guardiões da Fé, e os estabelecimentos que subsidiam a alimentação do corpo e da alma, a Pães e Peixes e a Escritos da Alma, respectivamente. Uma das epígrafes da obra evidencia todo o embasamento da autora para a criação desse futuro distópico, isto é, a escritora respalda-se na passagem do livro do Gênesis (30:3) em que Raquel, diante da impossibilidade de ser mãe, oferece ao marido sua escrava para que ele se deite com Bilha e, desse modo tenha “filhos por meio dela” (BÍBLIA, 1998, p. 43).

Neste cenário, as mulheres são divididas em quatro categorias principais, a saber: as aias que, como dito anteriormente, são uma espécie de barriga de aluguel que servem aos homens poderosos dessa sociedade e que são mal vistas pelas demais mulheres; as Marthas, mulheres em idade avançada e fora do período fértil que desempenham atividades domésticas nas casas dos Comandantes; as Esposas que, como o próprio nome sugere, são os cônjuges dos comandantes e detém todo o poder dentro de casa, sendo delegado a elas o controle sobre as Marthas e a aia que está lhe servindo; e, por fim, as Econoesposas que corresponderiam à soma dos outros três tipos de mulheres e que são destinadas aos homens menos importantes, contudo, embora sejam férteis, essas mulheres, assim como todo o restante da sociedade, desprezam as aias. Nesta sociedade ainda existem outras mulheres, como as viúvas e as Não-mulheres, estas últimas como sendo aquelas que não se encaixam em nenhuma das categorias supracitadas e são enviadas para as colônias para trabalharem incessantemente até o fim de seus dias.

As mulheres são identificadas em Gilead por meio de suas vestimentas que são, numa leitura simbólica, sintomáticas para elucidar os propósitos desta pesquisa. As aias trajam-se de vermelho e possuem o rosto coberto por uma touca que as impede de enxergar o que acontece ao seu redor e, também, de serem vistas, de modo a elucidar unicamente a importância do seu corpo para aquela sociedade. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 944) “o vermelho-escuro [...] é noturno, fêmeo, secreto e, em última análise, centrípeto; representa [...] o mistério da vida”. Desse modo, podemos entender a cor destinada às aias como uma alusão à menstruação e, por conseguinte, à fertilidade, esse “mistério da vida”, contudo, a menarquia é motivo de tristeza para essas mulheres, haja vista que ela é sinônimo do fracasso e de mais um mês de espera pela noite em que deverá se entregar ao casal que anseia por uma criança. Os casos de infertilidade são todos descritos como culpa da mulher, o que rememora a questão religiosa com a culpa recaindo sempre sobre a mulher, e em momento algum se levanta a hipótese de que seja o homem o responsável pela baixa de natalidade em Gilead, nas palavras de Offred “um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei” (ATWOOD, 2017, p. 75). Vale reforçar que a lei estabelecida possuía como pilares os dogmas religiosos, o que reafirma a noção de culpa atribuída apenas às mulheres, considerando que “nas culturas patriarcais, as mulheres são associadas

à sedução, à traição e ao levar o homem para caminhos que os conduzem à derrota e à morte” (MURARO, 1995, p. 66). Como maior exemplo, na cultura cristã, temos Eva que conduziu Adão ao pecado.

Em outro momento da narrativa, fica perceptível o modo como as mulheres aceitam o fardo da culpa pelo fracasso na tentativa de engravidar, assimilando à sua natureza o insucesso:

– Talvez ele não possa – diz ela.

Não sei a quem está se referindo. Quer dizer o Comandante ou Deus? Se for Deus, deveria dizer queira. De todo modo, é heresia. São só as mulheres que não podem, que **permanecem teimosamente fechadas, danificadas, defeituosas**. (ATWOOD, 2017, p. 243, grifos nossos).

A partir da citação acima, fica evidente que a maneira como a religiosidade, imposta pela nova forma de organização, induz a mulher a aceitar que todo o insucesso na tentativa gestacional é sua e que qualquer outro pensamento acerca da questão soaria como heresia, pois o homem é perfeito, assim como Deus, e que o defeito feminino é produto do pecado que lhe é inerente.

As Marthas, por seu turno, vestem-se de verde; segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 938-939) “o verde, valor médio, mediador entre o calor e o frio, o alto e o baixo, equidistante do azul celeste e do vermelho infernal – ambos absolutos e inacessíveis – é uma cor tranquilizadora”. É possível estabelecer um paralelo com a definição apresentada e as personagens, uma vez que as Marthas estão acima das aias, ainda que apenas moralmente, e abaixo das esposas que usam vestidos azuis que significa “a mais profunda das cores: nele, o olhar mergulha sem encontrar qualquer obstáculo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 107). Podemos compreender que a cor azul, utilizada nas vestimentas das Esposas, representava o poder de sua posição, sendo das três a cor mais importante. Em contrapartida, as Econoesposas usam vestidos que são listrados de vermelho, verde e azul o que explicita o seu lugar e a sua função dentro da estrutura social de Gilead. É necessário frisar que, embora sejam uma representação viva da procriação, as aias não são bem vistas pelas demais mulheres:

O rosto dela poderia ser gentil se ela sorrisse. Mas o cenho franzido não é nada pessoal contra mim: é o vestido vermelho que ela desaprova, e o que ele representa. Ela acha que pode ser contagioso, como uma doença ou algum tipo de má sorte. (ATWOOD, 2017, p. 18).

Ela não fala comigo, a menos que não possa evitar. Sou uma vergonha para ela; e uma necessidade. (ATWOOD, 2017, p. 22).

Como se percebe, as aias são relegadas ao poder das esposas, podendo inclusive, serem submetidas a agressões físicas caso as mulheres detentoras da cor azul julguem necessário; entretanto, essa agressão não deve ser por intermédio de objetos, mas sim com as próprias mãos. Tal ato, no romance, é tido como legítimo, pois “existe precedente nas **Escrituras** determinando isso” (ATWOOD, 2017, p. 26, grifo nosso). Desse modo, é claro que todas as ações, não só por parte do governo, mas também das outras mulheres da sociedade, são pautadas na Bíblia de maneira a legitimar o mito cristão de mulher enquanto origem do pecado e do infortúnio masculino.

Essa hierarquia existente dentro da opressão sofrida pelas mulheres, também se faz presente quando a aia consegue engravidar e no momento do parto, torna-se bastante evidente o jogo de poder entre elas:

Duas outras conduzem Janine ao Banco de Dar à Luz, onde ela senta no **mais baixo** dos dois assentos. (...) A Esposa do Comandante entra apressada, com sua ridícula camisola branca, as pernas magrelas saindo de baixo dela. (...) Ela sobe rápido no Banco de Dar à Luz, senta-se no assento atrás e **acima** de Janine, de modo que Janine fica emoldurada por ela: as pernas magras descem pelos dois lados, como os braços de uma cadeira excêntrica. (ATWOOD, 2017, p. 152-153, grifos nossos).

Com a leitura do trecho acima, com destaque para os grifos, é possível depreender que apesar de ser a aia a mulher que engravidou e passou por todos os percalços da gestação, a posição elevada é atribuída à esposa, que mesmo incapacitada de dar à luz, participa do parto, concebendo a criança metaforicamente. É interessante notar que a esposa encontra-se literalmente acima da aia, que apesar de ser a verdadeira responsável pela geração da criança, fica reduzida a um objeto, que guardou a criança durante nove meses e que agora não tem mais serventia a essa família. Portanto, a posição de inferioridade da aia, jamais alterar-se-á, ainda que essa cumpra o objetivo estabelecido pelo sistema.

Todas às vezes que as aias se encontram durante os poucos momentos em que estão sozinhas na rua, elas usam um cumprimento formal que é tido como correto pelo sistema para estabelecer a comunicação entre elas, de modo a ratificar sua posição de submissão à Igreja. Assim, ao pronunciarem frases como “Bendito é o fruto” e “Que possa o Senhor abrir”, elas acabam por perpetuar o discurso religioso de que é a vontade de Deus que deve se sobrepor às delas próprias e que estão a todo instante “Sob o Olho Dele”, esse mesmo olho que é símbolo do governo de Gilead, o que, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 653) “é o símbolo da percepção intelectual”, da qual as mulheres estavam excluídas, pois “o conhecimento era uma tentação. O que vocês desconhecem não pode tentá-las, costumava dizer Tia Lydia” (ATWOOD, 2017, p. 233). A privação do conhecimento às mulheres corroborava para a continuidade do controle por meio da persuasão, que seria assimilada com menos resistência.

Mesmo estando submersa nesta sociedade extremamente opressora, Offred demonstra ter noção de sua condição anterior de mulher que trabalhava, tinha seu próprio dinheiro e fazia as escolhas conforme lhe apraziam. Contudo, ainda que tenha esses lapsos de memória, a protagonista questiona-se incessantemente se suas atitudes passadas eram realmente corretas, como podemos observar no excerto a seguir:

A maneira deplorável e exibida com que as mulheres costumavam se comportar. Passando óleo no corpo como se fossem carne assada num espeto e de costas e ombros nus, na rua, em público, e as pernas, sem nem sequer meias finas a cobri-las, não é de admirar que aquelas coisas costumassem acontecer. (ATWOOD, 2017, p. 69).

Podemos depreender que a narradora foi tão bem condicionada pela nova doutrina de seu país que passa a acreditar realmente que a culpa pelo estupro de mulheres é única e exclusivamente das mesmas que se vestem de forma indecente despertando no homem o instinto sexual, ratificando afirmações do tipo “Eu os incitei, os seduzi. Mereci o sofrimento” (ATWOOD, 2017, p. 89), que são totalmente descabidas. Dessarte, a nova forma de pensar da sociedade de Gilead reafirma o ideário de que Deus criou o homem com apetite sexual e a mulher apenas para saciá-lo, ficando excluída de qualquer forma de prazer sexual. Isso é ensinado às mulheres no Centro Vermelho, quando as mesmas estão sendo qualificadas para a função de aias:

**Homens são máquinas movidas a sexo**, dizia Tia Lydia, e não muito mais. Eles querem apenas uma coisa. Vocês têm que aprender a manipulá-los, para o bem de si mesmas. Levá-los pelo nariz para onde quiserem; isso é uma metáfora. É a maneira como funciona a natureza. É o plano de Deus. É a maneira como são as coisas. (ATWOOD, 2017, p. 174, grifo nosso).

Logo, como é possível identificar, o desejo masculino é algo naturalizado, pois foi Deus que fez o homem desse jeito e o despertar do desejo masculino é realizado pelo sexo oposto e qualquer tentativa do homem em manter relações com a mulher, ainda que sem consentimento, é culpa dela, pois o prelúdio de todo e qualquer ato sexual advém dos atributos naturais da fêmea. É por esse motivo, que as mulheres precisam aprender a manipular os homens. No caso das aias, a manipulação consistiria em não ceder a outros homens que não fosse o Comandante, e mesmo ao Comandante apenas durante a Cerimônia, visto que o ato sexual para elas era o “plano de Deus” para repovoar Gilead.

O enraizamento da nova doutrina é tão acentuado que a narradora nem mesmo revela-nos o seu verdadeiro nome, apenas afirma que seu novo nome fora criado de acordo com o Comandante a quem está servindo, ou seja, Offred é

composto da preposição em inglês “*of*” que estabelece posse, e Fred, o nome do Comandante com quem se deita na tentativa de engravidar. Desse modo, fica evidente que a mulher anula a sua própria identidade em decorrência do outro, inclusive em questões importantes, como o nome, pois a partir do momento em que seu antigo nome é apagado e outro lhe é atribuído, é como se sua identidade fosse apagada e uma nova assumisse o lugar. Contudo, sabemos que as questões referentes à identidade são bastante complexas, e isso fica evidente na personagem que “guarda” seu nome verdadeiro como uma forma de manter-se lúcida, na esperança de sair de Gilead e poder voltar a ser quem ela era. O novo nome atribuído demonstra uma total subserviência ao poder masculino, pois seu novo nome nada mais é que um aviso de pertencimento: “Do Fred”.

Além do nome alterado, que transformava as aias em propriedades de seus comandantes, devido aos danos que o novo regime implantado causou, era necessário que houvesse um repovoamento. Como o sistema era todo embasado nos princípios cristãos, as mulheres classificadas como aias, serviriam para o objetivo único e final de reprodução. Por serem conservadas apenas para essa finalidade, elas acabam por tornarem-se mulheres objetificadas. De acordo com Bonnici (2007, p. 192) “a objetificação [...] é a maneira pela qual indivíduos ou grupos de indivíduos tratam os outros como objetos. [...] o homem e seu discurso se petrificam como sujeitos, enquanto a mulher e seu discurso são reduzidos a objetos”. É a essa condição que as aias são reduzidas, sendo reduzidas apenas a “úteros ambulantes”, pelo discurso da religião que era o pilar do novo regime político em Gilead, assimilados pelas demais classes, tanto de homens como também de mulheres:

Comida saudável. Vocês têm que ingerir suas vitaminas e minerais, dizia Tia Lydia recatadamente. Têm de ser **receptáculos** dignos, adequados. (ATWOOD, 2017, p. 81, grifo nosso).

Somos **receptáculos**, somente as entranhas de nossos corpos é que são consideradas importantes. O exterior pode se tornar duro e enrugado, pouco lhes importa, como a casca de uma noz. (ATWOOD, 2017, p. 118, grifo nosso).

Minha presença aqui é ilegal. É proibido para nós estarmos sozinhas com os Comandantes. Somos para fins de procriação [...]. Somos **úteros** de duas pernas, apenas isso: **receptáculos sagrados, cálices ambulantes**. (ATWOOD, 2017, p. 165, grifos nossos).

Pelos fragmentos acima, podemos denotar que a objetificação encontra-se no discurso das formadoras, as Tias, que durante a formação ministradas por elas às mulheres que tornar-se-iam aias, esse discurso objetificador encontra-se presente, para que a assimilação aconteça de forma ágil.

Durante toda a narrativa, Offred vai ratificando sua história e a sociedade em que está inserida por meio de livros e excertos bíblicos que lhes foram ensinados pelas Tias (espécie de mentoras que condicionavam as mulheres férteis

para servirem como aias, essas mulheres eram as únicas que podiam ler e escrever) durante seu treinamento. No decurso de seu banho, a narradora afirma que seus cabelos são longos, mas que precisam sempre estar cobertos e, para justificar tal procedimento recorda-se de seu treinamento em que Tia Lydia sempre “dizia: São Paulo disse é assim ou é raspado rente” (ATWOOD, 2017, p. 77), numa leitura do livro I Coríntios 11: 6-9, ao tratar da forma adequada de comportamento durante as orações, Paulo afirma que “o homem não deve cobrir a sua cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem” (BÍBLIA, 1998, p. 1471), isto é, o homem, por ter sido feito à imagem e semelhança de Deus deve estar sempre em evidência, entretanto, a mulher, por ter sido criada de um pedaço do homem e por ter sido a razão do pecado original, deve sempre esconder-se.

O consentimento das Esposas em relação à presença das aias em suas casas, vai muito além do fato de serem inferiores ao homem e, assim, a eles prestarem serviços, elas acreditam que essa é a vontade de Deus e legitimam esse pensamento por meio de referências bíblicas, como em: “Então disse Lea, Deus me tem dado o meu galardão, pois tenho dado minha serva ao meu marido” (ATWOOD, 2017, p. 110), numa clara citação do livro do Gênesis que, por excelência imputa às mulheres a expulsão do Paraíso. Diante disso, a mulher deve submeter-se aos desejos masculinos, não só o sexual, mas como um todo, servindo-o e obedecendo-o.

Durante um nascimento, todas as mulheres são reunidas para presenciar o grande feito e, nesse momento, a narradora recorda-se de tempos passados quando o parto era feito por médicos (que neste contexto, apenas interferem caso haja complicações no parto) e com auxílio de tecnologia de modo a amenizar a dor feminina, porém, nesta nova Gilead, as mulheres devem sentir as dores que lhes fora atribuída por Deus. Novamente as atitudes do sistema é ratificada por passagens bíblicas que pregam: “Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor terás filhos” (ATWOOD, 2017, p. 139).

Em certo ponto da narrativa, a protagonista (que mantém uma relação de proximidade com o Comandante, embora seja considerada uma atitude transgressora) é levada pelo seu benfeitor até uma casa em que os homens da alta cúpula se encontram para aproveitar dos prazeres da vida passada e para se relacionarem com as mulheres que não foram enquadradas na nova forma de governo, mas que tampouco foram destinadas às Colônias. Nesse lugar, chamado “A casa de Jezebel”, Offred encontra sua amiga Moira que lhe relata como conseguiu escapar da doutrinação das Tias e, por ser considerada uma “mulher perdida”, fora destinada àquele trabalho. O nome do lugar onde as mulheres que não se enquadraram nos moldes da nova forma de organização foram reunidas é sintomático, pois faz referências à rainha Jezebel que, na Bíblia, busca equiparar o seu deus com o Deus de Israel e, para tanto, perseguiu os profetas e todos os que se pusessem contra seus dogmas, condenando-lhes à morte impiedosamente. Desse modo, podemos inferir que o local onde se encontravam as mulheres que não se submetiam aos mandamentos de Deus corresponde ao local de quem é transgressor e destinado ao inferno.

Durante as caminhadas com sua parceira de compras, Offred depara-se com o Muro (local onde o governo exhibe os que foram mortos por, de alguma forma, agir contra os mandamentos da nova vida em sociedade) e sempre se questiona se é o seu marido que está ali, com o rosto coberto pelo pano branco. Em um dos ritos de Salvamento, que antecede a exibição dos corpos no Muro, Tia Lydia expõe um homem que, outrora fora Guardiã e, supostamente, estuprou uma grávida, de modo a incitá-las a agredi-lo, pois essa era a prática (os casos de estupro eram destinados, muitas vezes, para a ação das aias que os agrediam até a morte). Para justificar a ação, Tia Lydia baseia-se, novamente, em ações bíblicas, neste caso, o livro de Deuteronômio 22:25 que prega que “se o homem encontrou a jovem no campo, a violentou e teve relações com ela, morrerá somente o homem que teve relações com ela” (BÍBLIA, 1998, p. 221).

Ainda que toda a sociedade se submeta à doutrinação religiosa, apenas os homens de poder têm acesso à Bíblia que é tida, neste contexto, como uma espécie de constituição que rege todas as ações e protótipo de comportamentos da vida em sociedade:

Ele dá um aceno de cabeça, na direção geral de Serena Joy, que não dá um pio. Atravessa a sala até a grande cadeira de couro, reservada para ele, tira a chave do bolso, manuseia desajeitadamente a caixa revestida de couro, toda guarnecida de latão, que fica na mesa ao lado da cadeira. Insere a chave, abre a caixa, tira a Bíblia, um exemplar comum, de capa preta e com as páginas de bordas douradas. A Bíblia é mantida trancada, da mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem. É um instrumento incendiário: quem sabe o que faríamos com ela, se puséssemos nossas mãos nela? Podemos ouvi-la lida em voz alta, por ele, mas não podemos ler. (ATWOOD, 2017, p. 107).

Sendo assim, as mulheres não podiam ter acesso a Bíblia e a nenhum outro tipo de leitura visto que, segundo Aragon *apud* Burlamaque (2011, p. 173), a leitura era considerada como uma prática assustadoramente perigosa, chegando a ser comparável com a serpente do Jardim do Éden, visto que o livro pode incitar nas leitoras o pecado de morder a maçã do conhecimento. Como já discutido anteriormente, o conhecimento deveria estar restrito aos homens de poder, ficando restrito ao domínio reduzido das mulheres. Essa restrição é consoante ao modelo patriarcal, no qual “uma identidade masculina baseada na maior capacidade intelectual dos machos” (MURARO, 1995, p. 66). Ou seja, apenas os homens possuíam capacidade intelectual para terem contato com os livros sem se deixarem ser “mordidos” pelo conhecimento.

A doutrinação acontecia frequentemente, inclusive antes da Cerimônia, que era o ritual de fertilização da aia, que consistia no ato sexual, mas no qual a mulher permanecia extremamente passiva, cumprindo o seu papel de “receptáculo” do sêmen do comandante.

É a história habitual. As histórias habituais. Deus para Adão, Deus para Noé. *Frutificai e multiplicai-vos, enchei abundantemente a terra.* Então vem aquele negócio velho e bolorento da Raquel e da Lea que nos martelaram na cabeça no Centro. *Dá-me filhos, ou senão eu morro. Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto do teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim receba filhos por ela.* E assim por diante, interminavelmente. Ouvíamos isso ser lido para nós todo dia de manhã durante o desjejum, enquanto sentávamos na cafeteria da escola, comendo mingau com creme e açúcar mascavo. (ATWOOD, 2017, p. 109, grifos da autora).

É possível perceber no excerto acima como a religiosidade faz-se presente com tanta veemência, sendo ensinada diariamente no Centro, o local onde as mulheres foram doutrinadas a serem aias, e como também, a passagem destacada pela própria autora funciona como justificativa para o uso da mulher e ratifica o ato sexual. Essa objetificação que reduz as aias a meras “máquina de fazer filhos” é sagrada, uma vez que consta na Bíblia. O trecho destacado também aparece no livro como epígrafe, e sintetiza satisfatoriamente o ideário psicológico presente em Gilead.

Ainda sobre o ideário psicológico, é interessante notar como esse se encontrava todo pautado nos pressupostos masculinos, minimizando e excluindo as noções que um dia pertenceram ao ideário feminino, como podemos observar no excerto abaixo:

Aqui há várias fachadas de lojas vazias, as vidraças das vitrines rabiscadas com sabão. Tento me lembrar do que era vendido nelas, outrora. Cosméticos? Joias? A maioria das lojas **vendendo artigos para homens ainda continua aberta**; são apenas as que vendiam o que eles chamam **de futilidades que foram fechadas**. (ATWOOD, 2017, p. 200, grifos nossos).

Conforme Muraro (1995), o domínio público foi concedido aos homens, ao passo que às mulheres, foi alocado o domínio privado, restrito ao ambiente doméstico e da reprodução. A afirmação da crítica acerca do patriarcalismo é consoante com a política instalada em Gilead. As lojas que vendiam artigos femininos, voltados para o uso público da mulher, como joias e maquiagens, foram extintas pelo fato de que as mulheres não precisariam mais disso porque estariam novamente restritas ao ambiente doméstico. Contudo, ao homem o domínio público permaneceria, e conseqüentemente, na visão política de Gilead, não havia a necessidade de fechar as lojas, que diferentemente das lojas voltadas para as mulheres, não vendiam artigos considerados como banais.

Para sustentar o novo ideário psicológico instaurado, surgiram as lojas conhecidas como “Escritos da Alma”:

Na esquina fica a loja conhecida como Escritos da Alma. É uma franquia: existem Escritos da Alma em cada área de comércio da cidade, em cada subúrbio, ou pelo menos é o que dizem. Deve dar muito lucro.

A vitrine da Escritos da Alma é de vidro inquebrável. Atrás dele estão máquinas impressoras, fileiras após fileiras delas [...] O que as máquinas imprimem são orações, rolo após rolo, preces saindo incessantemente. [...] Encomendar orações da Escritos da Alma é considerado como sendo um sinal de devoção religiosa e de lealdade ao regime. (ATWOOD, 2017, p. 200).

O trecho acima nos possibilita perceber que a loja Escritos da Alma é uma franquia, espalhada por todo o território de Gilead, incluindo os bairros mais pobres e afastados. Considerando o nível de alcance dessa loja, compreendemos que ela faz parte do sistema de influência, que controla o povo, manipulando-os a assimilarem a nova ideologia baseada nos princípios cristãos, que agora servem como uma espécie de “constituição” do governo. É preciso suplantar as antigas crenças e substituí-las pelas aprovadas pelo governo. O fato das compras das orações funcionar como um sinal de devoção lembra-nos o período em que as indulgências eram vendidas, isto é, a religião adquire o caráter de comércio religioso.

Durante a transição, é possível identificar como as novas leis são discriminatórias com as mulheres, de modo a torná-las totalmente dependentes:

Todos nós levantamos o olhar para ele, desligamos nossas máquinas. Devia haver oito ou dez de nós na sala.

Eu sinto muito, disse ele, mas **é a lei**. Eu realmente sinto muito.

Por quê?, perguntou alguém.

Vou ter que dispensar vocês, disse ele, **é a lei**, tenho que cumprir. Tenho que dispensar todas vocês. [...]

Estamos sendo demitidas?, perguntei. Eu me levantei. Mas por quê!?

Não demitidas, disse ele. Dispensadas. Não podem trabalhar mais aqui, **é a lei**. (ATWOOD, 2017, p. 211, grifos nossos).

Eles congelaram as contas, disse ela. A minha também. A da cooperativa também. Qualquer conta com um F em vez de um M. [...] Mulheres não podem mais possuir bens, disse ela. **É uma nova lei**. [...] Luke pode usar a sua Compuconta para você, disse ela. Vão transferir seu número para ele, ou pelo menos é o que dizem. Marido ou parente mais próximo do sexo masculino. (ATWOOD, 2017, p. 213-214).

O que o novo regime trouxe a voga foi os padrões utilizados nas sociedades patriarcais, restringido as mulheres ao ambiente doméstico, usa vez que era a lei que não permitia com que elas trabalhassem fora de casa, e também perderam o controle sobre o próprio dinheiro, que passaria a ser controlado pelo marido ou por qualquer parente, desde que do sexo masculino. Referendando Muraro “A partir da dominação econômica exercida sobre ela [...] a mulher introjeta a sua inferioridade. E esta introjeção de inferioridade se traduz em dependência psicológica” (MURARO, 1995, p. 67). Portanto, o primeiro passado dado para que o novo regime tivesse sucesso na sua instituição foi tornar as mulheres dependentes economicamente, para que desse modo a mulher pudesse internalizar que era inferior, e dessa maneira aceitar irrefletidamente o novo ideário, no qual seria submissa e serviria apenas como reprodutora.

Consoante à estrutura patriarcal, os rituais sempre privilegiavam os homens, como era o caso das Rezavagâncias que, de acordo com a narradora da história, “as rezavagâncias de mulheres são para os casamentos coletivos como este, em geral. As dos homens são para vitórias militares. Estas são as coisas com que devemos mais no regozijar, respectivamente” (ATWOOD, 2017, p. 261). É viável notar que as coisas pelas quais mulheres e homens recebem glórias são substancialmente diferentes. Para as mulheres, resta apenas o casamento, como era comum na sociedade patriarcal, conforme aponta Vasconcelos (2002). De acordo com a autora, devido à organização social as mulheres reduziram-se, ao ser-lhes obrigatória, ideologicamente, as funções de mãe e esposa, em razão do ideal pregado de feminilidade. Portanto, apenas o casamento poderia alçá-las a cumprir esses papéis, sobretudo de mãe. Já aos homens importava mais as vitórias militares, uma vez que estavam colaborando, de forma significativa, para a manutenção e o “sucesso” da implementação do novo sistema. Ainda que subordinados, estavam acima das mulheres, que eram duplamente subordinadas.

O romance encerra-se com o capítulo intitulado “Notas Históricas”, que aparece como a transcrição de uma palestra que acontece muito tempo depois de a história ter sido contada por Offred. Neste simpósio, toda a narrativa é apresentada pela voz masculina de Pieixoto. O discurso do professor parece ser uma espécie de validação da história, como se a voz da mulher não fosse suficiente para confirmar as ações do governo gileadeanos, como podemos observar no excerto abaixo:

Este objeto – eu hesito em usar a palavra *documento* – foi escavado no sítio arqueológico do que um dia foi a cidade Bangor [...] A voz é de uma mulher e, de acordo com nossos especialistas em impressão de voz, é a mesma em todas elas. [...] Supondo, então que as fitas sejam genuínas, que dizer da natureza do relato em si? (ATWOOD, 2017, p.353-355, grifo da autora).

É visível que o próprio professor possui ressalvas, ao evitar atribuir o *status* de documento às gravações, pelo fato de terem sido gravadas por uma mulher e

por conta do conteúdo gravado. De certo modo, é apenas com o discurso científico dele, que os fatos narrados por Offred passam a ter credibilidade, como é o caso do uso das mulheres para mera reprodução e a estrutura patriarcal do regime:

A necessidade do que eu poderia chamar de serviços de reprodução humana já era reconhecida no período pré-Gilead, no qual estava sendo atendida inadequadamente por “inseminação artificial”, “clínicas de fertilidade”, e pelo uso de “mães de aluguel” [...] Gilead tornou ilegais as duas primeiras opções, considerando-as irreligiosas, mas legitimou e executou a terceira, que era considerada como tendo precedentes bíblicos. (ATWOOD, 2017, p. 358).

Como ouvimos no debate sobre o tema por especialistas, ontem à tarde, Gilead era [...] inquestionavelmente patriarcal na forma. (ATWOOD, 2017, p. 361-362).

Como o excerto demonstra, a voz masculina dotada de uma cientificidade eleva a narração de Offred ao patamar do crível. Mesmo estando presente ao longo de toda a obra, a questão da religiosidade atrelada à estrutura patriarcal, como tentamos demonstrar ao longo de nossas análises, é o último capítulo que incute a credibilidade e a veracidade à própria obra, de modo que faz-se necessário a presença da voz masculina para validar a voz feminina de Offred.

### Considerações finais

Com o desenvolvimento das análises interpretativas do *O conto da Aia*, escrito por Margaret Atwood, foi possível perceber como esse romance distópico trouxe à luz questões tão contemporâneas sobre poder, religião e dominação masculina. Percebeu-se que, durante todo o romance, a protagonista, ao narrar os fatos, preocupava-se em deixar evidente o modo como o governo concebia as ações, isto é, por meio da religião, para tanto utilizava do expediente bíblico imprimindo às mulheres o arquétipo feminino defendido no livro do Gênesis, qual seja, o da mulher como origem do pecado e inferior ao homem.

Portanto, as ações cometidas pelo novo regime tinham respaldo no campo religioso, e por ter suas bases centradas na religiosidade, acabava por reproduzir os padrões do patriarcalismo que tinha como fontes os mesmos pressupostos religiosos.

Constatamos também, que apesar de ser uma obra que discute as questões femininas com caráter de crítica, ao finalizar a obra, a autora utiliza-se de um personagem masculino, para validar a voz da protagonista. Entretanto, não se sabe até que ponto tal fato foi uma estratégia da autora, como uma dura crítica a voz feminina, ou uma incorporação aos modelos da sociedade.

## Notas

<sup>1</sup> A narrativa distópica é em grande parte o produto dos terrores do século XX. Cem anos de exploração, repressão, violência estatal, guerra, genocídio, doença, fome, ecocida, depressão, dívida e o esgotamento constante da humanidade através da compra e venda da vida cotidiana proporcionaram mais do que terreno fértil suficiente para esse lado fictício imaginação utópica. (Tradução nossa).

---

## Referências

---

- ATWOOD, Margaret Eleanor. *O conto da Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BÍBLIA. Português. *Velho Testamento e Novo Testamento*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1998.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2015.
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. “No Baile Acadiano” e os reflexos da leitora Kate Chopin. In: VIEGAS-FARIA, B.; CARDOSO, Betina Mariante; BROSE, E. R. Z. (Org.). *Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas*. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011. p. 171-176.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras de crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 111-115.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-194.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado*. Psicanálise do Vínculo Social. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1999.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.
- MOYLAN, Tom. *Scraps of The Untainted Skies: Science Fiction, Utopia, Dystopia*. Boulder: Westview, 2000.
- MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

---

### Para citar este artigo

---

ZUKOSKI, Ana Maria Soares; TARDIVO, André Eduardo. "Bendito seja o fruto" / "que o senhor possa abrir": distopia, religiosidade e repressão em O conto da Aia (1985), de Margaret Atwood. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 7, n. 1, p. 267-284, jan.-abr. 2018.

---

### Os autores

---

**Ana Maria Soares Zukoski** é mestranda pela Universidade Estadual de Maringá, no Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de concentração: Estudos Literários, Linha de pesquisa: Literatura de Construção de Identidades, com interesse em Literatura de Autoria Feminina Contemporânea. É graduada em Letras Português – Inglês pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/*Campus* de Campo Mourão.

**André Eduardo Tardivo** cursa Letras Português – Inglês na UNESPAR/*Campus* de Campo Mourão. Tem interesse na área de Letras, com ênfase em Literatura de Autoria Feminina Contemporânea. Desenvolveu Projeto de Iniciação Científica sobre "Noturnidades Drummondianas: metáforas da morte e subjetividade lírica em Sentimento do Mundo, de Carlos Drummond de Andrade" (2015) e "Poéticas do contemporâneo: um estudo da obra Parte da Paisagem (2014), de Adriana Lisboa" (2016). Atualmente, desenvolve o projeto intitulado "O processo de subjetificação feminina no romance A chave de casa, de Tatiana Salem Levy", sob a orientação da professora Wilma dos Santos Coqueiro.